

ENSINO CRÍTICO DE INGLÊS PARA COMPUTAÇÃO: ENTRE A INOVAÇÃO E A PRESERVAÇÃO LINGUÍSTICA

Arthur Simon Zanella¹

arthur.zanella@baraodemaua.br

Centro Universitário Barão de Mauá

A globalização e o avanço tecnológico têm intensificado o contato entre línguas e culturas, resultando em um fenômeno linguístico cada vez mais presente: os anglicismos, termos oriundos do inglês que são incorporados a outras línguas, muitas vezes sem adaptação. No Brasil esse fenômeno assume contornos particulares, desde a substituição de termos nativos até a criação de uma barreira linguística para aqueles que não têm familiaridade com o inglês. Este artigo busca discutir a importância de abordar os anglicismos em sala de aula, analisando seu impacto na língua materna e propondo estratégias para um uso consciente, a mediação crítica desses empréstimos linguísticos especialmente em cursos como Ciência da Computação, onde a influência do inglês é marcante.

O Brasil, como país periférico no eixo global de produção de conhecimento, enfrenta uma dupla pressão: a necessidade de dominar o inglês como língua franca da tecnologia e, simultaneamente, preservar sua identidade linguística frente a um histórico de colonialidade cultural. O objetivo deste trabalho é buscar discutir como a naturalização desses termos reflete não apenas necessidades técnicas, mas também uma herança que privilegia o estrangeirismo em detrimento do português.

Este estudo tem natureza qualitativa e exploratória, sendo que a metodologia incluiu a análise de discurso técnico, com identificação de anglicismos em materiais didáticos, códigos, documentações e comunicações profissionais; discussões críticas sobre casos específicos, como a diferença entre termos essenciais (ex.: software, hardware) e modismos desnecessários (ex.: call para "reunião", delivery

¹ Doutor em Meios e Processos Audiovisuais. Docente do Centro Universitário Barão de Mauá.

para "entrega"); e análise histórica com reflexão sobre como a colonialidade influencia a preferência por termos em inglês, mesmo quando alternativas em português existem.

Como resultado, os questionários revelaram que muitos alunos consideram esses termos "mais eficientes" ou "mais modernos", enquanto outros admitem usá-los por falta de conhecimento de traduções adequadas. Esse uso excessivo e acrítico não é exclusividade do Brasil, mas parte de um movimento global em que o inglês, enquanto língua hegemônica, se impõe como padrão em ambientes profissionais e acadêmicos, muitas vezes em detrimento das línguas locais e por isso o aprendizado de inglês no ensino superior não pode se limitar à transmissão passiva de vocabulário técnico, o docente nessa disciplina ocupa uma posição estratégica para abordar criticamente os anglicismos justamente por possuir o conhecimento linguístico e cultural necessário para contextualizar esses termos, mostrar processos de adaptação morfológica (como a criação de verbos como "deletar"), discutir questões de pronúncia e grafia, e conscientizar sobre os impactos sociolinguísticos do uso excessivo de estrangeirismos.

Essa mediação linguística é especialmente importante na Ciência da Computação, onde muitos alunos - mesmo com domínio limitado do inglês geral - acabam internalizando jargões técnicos em inglês sem reflexão sobre suas origens ou implicações culturais. O papel do docente de língua inglesa no ensino superior, portanto, é fomentar uma postura reflexiva que permita aos estudantes discernir quando um anglicismo é de fato indispensável e quando sua utilização é meramente um vício de linguagem ou uma falsa noção de sofisticação.

Palavras-chaves: Sociolinguística. Modismos Lexicais. Colonialidade.